

ENTREVISTA COM FLÁVIO SOARES

Amanda Rodrigues de **ALMEIDA**¹

Fernanda de Oliveira **SANTOS**²

Solange Lucia da Silva **MASSARI**³

O grupo de alunos do subprojeto PIBID de Português – eixo Letramento Literário⁴, turma 2017, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* de Cornélio Procópio, entrevistou o cartunista Flávio Soares, quadrinhista do *blog A vida com Logan*. O *blog* mencionado foi contemplado em uma das etapas da sequência expandida, desenvolvida a partir dos pressupostos metodológicos de Rildo Cosson⁵ (2009), uma vez que dialoga com a obra *O filho Eterno*, de Cristovão Tezza (2016), objeto de estudo das atividades sistematizadas de leitura literária.

A entrevista com Flávio ocorreu no dia 27 de setembro de 2017, via Skype, no anfiteatro do PDE da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* de Cornélio Procópio, PR, e contou com a participação dos acadêmicos bolsistas, das professoras supervisoras, Profa. Me. Ieda Maria Sorgi Pinhaz Elias e Profa. Esp. Paula Roberto Ribeiro Dantas, da coordenadora do subprojeto, Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, bem com os alunos do 1º ano A, do Colégio Estadual Zumlira Marchesi da Silva, e do 9o. A do Escola Estadual Major João Carlos de Faria, escolas nas quais as atividades foram desenvolvidas. Importante destacar que as perguntas dirigidas ao cartunista foram elaboradas pelos alunos e bolsistas, as quais foram selecionadas pelo grupo de trabalho. Outro aspecto a ser ressaltado é que os questionamentos foram feitos pelos próprios alunos, de forma alternada.

Flávio Soares, além de ser cartunista, também é diagramador gráfico, desenhista, arte-finalista e roteirista de quadrinhos. O *blog A vida com Logan* existe desde agosto de 2005, cujo objetivo inicial foi registrar o dia a dia de Logan, seu filho, que tem Síndrome de Down.

¹Aluna de graduação do 1º ano de Letras/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

² Aluna de graduação do 1º ano de Letras/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

³Aluna de graduação do 2º ano de Letras/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

⁴O subprojeto PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES -, intitulado “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, é coordenado pela Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, contando com dois professores supervisores da rede básica de ensino e doze graduandos, sendo onze bolsistas e uma voluntário.

⁵COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 3 ed. Ed. Contexto: São Paulo, 2009.

Importante ressaltar que o *blog*, Segundo Flávio, não pretende apenas apresentar os dilemas e conflitos de de uma família cujo filho possui Síndrome de Down, mas, sobretudo, a experiência de ser pai de crianças, tenha ela Síndrome de Down ou não. Sua página oficial do *blog* está disponível em: <http://www.avidacomlogan.com.br/>.

Abaixo, a entrevista transcrita pelos bolsistas de iniciação:

PIBID-PORTUGUÊS/ Profa. Ana Paula: Para você, Flávio, ter dimensão do subprojeto, importante dizer que a cada ano é escolhida um livro do acervo do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). Neste ano, escolhemos o livro *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, cuja leitura está sendo desenvolvida em duas escolas: Escola Major João Carlos de Faria, turma com 18 alunos, e Escola Estadual Zulmira Marquesi, com 24 alunos. Em relação ao grupo diretamente envolvido no subprojeto, somos 15 pessoas, sendo 12 graduandos do curso de Letras, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, do *campus* Cornélio Procópio, duas professoras supervisoras, que são o elo entre a universidade e a Educação Básica e, eu, coordenadora geral.. Este é o terceiro ano que promovemos entrevista com os escritores cujas obras passaram pelo subprojeto, dentre eles, Milton Hatoum, Gustavo Bernardo, Marco Lucchesi. A proposta é que os alunos entrem em contato com os autores que estão lendo, a fim de colocar por terra a imagem que a escola, não raro, constrói de que os escritores não estão mais entre nós. E, assim, percebê-los como figuras de carne e osso, igualmente humanos. E, para finalizar, agradeço, antecipadamente, por você ter disponibilizado o seu tempo com a gente.

PIBID-PORTUGUÊS/Luana: Tivemos contato com a graphic novel intitulada Não era você que eu esperava, de Fabien Toulmé, no qual o escritor se apropria da HQ para expressar sua condição de um pai com criança com Síndrome de Down, algo semelhante com o que você faz, mas no subgênero tirinhas. Exposto isso, gostaríamos de perguntar se você possui a intenção de produzir uma graphic novel? Considerando que você produz tirinhas seriadas seria super divertido uma narrativa um pouco mais longa sobre você e o seu filho Logan, o que você pensa sobre isso?

FLÁVIO SOARES: Olha, eu sim tenho a intenção de fazer uma narrativa mais longa; é um projeto, é uma ideia, mas eu não sei se seria o vida com o Logan! Eu tenho uma história longa, um pouco mais crua, mas um pouco mais densa, em que nem tudo é bonitinho. Talvez eu não usasse a vida com o Logan nessa história; porque existe a minha realidade com o Logan e existem outras realidades. Mas eu tenho a intenção de desenvolver outras narrativas com o Logan; lógico que tem um potencial muito grande. Há alguns projetos neste momento, só não sei

se é uma estrutura em *graphic novel*. Eu não posso adiantar exatamente o quê, mas estamos trabalhando em outras formas de usar a vida com o Logan; como forma de esclarecimento, mas também de entretenimento. Pois o objetivo é demonstrar que é possível entreter e explicar, bem como esclarecer.

PIBID-PORTUGUÊS/Ana: Por que você escolheu o gênero HQ para falar da sua relação com o seu filho e não outro gênero, como o conto por exemplo?

FLÁVIO SOARES: Na verdade eu comecei com conto; a história é um pouquinho complicada. Quando ele nasceu, eu escrevia crônicas falando do nosso dia a dia, da família com o Logan. Mas depois de uns seis meses que ele nasceu, começamos a perceber que tinha tinha algo errado com o estávamos vendo na internet; ou era com a gente ou era com a internet. Queria escrever passando o recado “olha tudo vai dar certo”. Eu comecei com textos falando nisso, mas a minha formação era de desenhista. Eu faço quadrinhos desde os 15 anos e agora sou designer gráfico e também desenhista. É esta a minha linguagem natural, como eu me expesso. Por isso, os textos não foram suficientes para contar as histórias dentro do *blog*. Comecei a rabiscar e em um determinado momento eu comecei a imaginar o nosso cotidiano em tiras de quadrinhos. Na verdade, eu não teria tempo de fazer uma narrativa longa, a verdade é essa. Aliás, não teria tempo de fazer uma narrativa de 20, 40, 50 páginas; então a tirinha resolvia a questão. Daí a madastra do Logan, a Camila, viu a postagem e disse “por quê você não conclui?” Acabei substituindo as crônicas por quadrinhos, por ser para mim uma linguagem mais natural, a forma como me expesso melhor, e que eu acho que consigo explicar melhor a nossa relação com o Logan, o nosso cotidiano comum com a Síndrome de Down. Então, com os quadrinhos, por imagens, é mais fácil falar. Já o texto, por mais mais descontraído que se queira construí-lo, continua sendo uma narrativa mais pesada, de certa forma. Você passa a impressão que está educando as pessoas e não era esse o objetivo. Para esclarecer, as coisas funcionam muito bem com os quadrinhos.

PIBID-PORTUGUÊS/Karolyne: Qual foi a emoção quando a meta no Catarse foi atingida? Foi um sonho sendo realizado? O que aprendeu com esta experiência, de bom e de ruim? E o que o Logan achou de autografar tantos livros?

FLÁVIO SOARES: A Catarse é, ao mesmo tempo, bom e ruim; é uma experiência que eu não repetiria. Foi muito bom na época, pois eu achava que não tinha público para isso e acabei surpreso. Mas é uma estrutura que exige uma logística e um preparo muito grande; eu não tinha e não tenho até hoje. Para a minha experiência pessoal foi muito bom, mas eu não faria um novo Catarse. Há muitos autores que se preparam para isso, mas eu sou desorganizado demais para

fazer um novo Catarse, pois eu preciso de uma editora comigo, fazendo a logística e montando a estrutura. Quanto à outra pergunta, o Logan adora lançamento de livros, acha o máximo fazer fotos e assinar os livros; colocar o nome dele, é sensacional! Ele se diverte muito nessa parte dos livros! Ele participou de três lançamentos; é claro que chegou um momento que eu chegava na frente dele, colocava um livro e falava “tem que assinar o livro, Logan”. Ele respondia “de novo”!, e tem mais esse daqui... Uma coisa que eu não tinha pensado é o quanto isso é cansativo para o Logan. Mas ele acha uma “farra”, tira foto e abraça todo mundo.

PIBID-PORTUGUÊS/Ana Claudia: Você teve dificuldade para se tornar um cartunista? O que é essencial para ser um cartunista?

FLÁVIO SOARES: Dificuldade não. Eu tive preguiça. Eu era um péssimo aluno. Eu lembro do meu professor de desenho, falecido já, que uma vez se virou para mim em um dia de aula, em um sábado de manhã (supostamente eu fazia aula aos sábados de manhã, ficava na escola o dia inteiro, o sábado inteiro), e disse “você é um desperdício de talento tão grande”; por conta da minha atitude como estudante. Porque eu era muito preguiçoso, e isso se refletiu na minha formação como artista. Porque embora eu tivesse talento, eu não tinha disciplina para ser um desenhista, eu não tinha paciência para estudar, eu não tinha paciência para levar a sério uma carreira de cartunista. Então foi difícil para mim? Não, não foi difícil. Eu considero que se tornou fácil quando eu decidi entrar nesta carreira em 2009. Mas eu demorei muito. Eu me tornei cartunista profissional com mais de 35 anos, por conta da minha irresponsabilidade, tanto na parte técnica e quanto na de estudos. Se eu tivesse tido um pouquinho mais de foco e um pouco mais de disciplina, talvez tivesse sido mais rápida a minha profissão como cartunista. Mas, no geral, não foi tão difícil.

PIBID-PORTUGUÊS/Geovani: Estamos diante de uma sociedade completamente mergulhada na era da comunicação informatizada, em que a internet possibilita significativas mudanças nas relações entre escritor e leitor. Um exemplo disso é a forma como conseguimos entrar em contato com você para estarmos aqui, hoje, nesta entrevista. Diante disso, quais os aspectos positivos e negativos de se publicar nesse meio de comunicação, que é tão imprevisível?

FLÁVIO SOARES: Eu digo que a internet, para o autor, principalmente para quem faz quadrinho no Brasil, é uma maravilha. Vocês não têm dimensão o que era produzir nos anos 80, nos anos 90. Não estávamos na era digital ainda. Eu escrevia as histórias, desenhava as histórias, ia no xerox da esquina do bairro, e fazia cópias e mais cópias, grampeava tudo a mão em casa e saía vendendo para os amigos de bairros, em bibliotecas, em coisas assim; isso era produzir

antigamente. Esta era produção brasileira independente, antigamente. Com a internet qualquer um consegue publicar um livro, qualquer um consegue criar um site, qualquer um consegue colocar seus quadrinhos na internet. Eu consegui! Então qualquer um consegue (risos). Então, isso facilita muito, e a resposta é muito imediata. Você chega muito rapidamente no seu leitor, você alcança muito rapidamente um grande número de pessoas e você tem um retorno muito rápido. Isto é, você tem o *feedback* do leitor, o que a mídia impressa acaba não ofertando. Então, a internet neste aspecto é muito positiva. Além de ter contato com autores, com gente que está produzindo no mundo todo... Não só cartunista conversa com cartunista, autor conversa com autor ... você tem acesso a todo tipo de pessoa. Vocês chegaram facilmente até mim. Muito fácil. Um e-mail e chegaram até mim. Então a internet facilita demais isso. Isso está revolucionando muito a maneira como a gente produz conteúdo, como a gente produz os quadrinhos, como a gente produz literatura. Atualmente você já não pensa mais em ficar preso a uma mediadora, preso a um lançamento, preso na distribuição em livrarias. Você tem a internet para fazer isso, você pode fazer isso até como complemento. Por outro lado, você acaba recebendo muito “chorume” pela internet. Eu lembro de uma vez que eu apareci como convidado de uma pauta de um programa da Globo, do programa da Fátima Bernardes. A pauta não era sobre Síndrome de Down, mas sobre pessoas com deficiência, e eu estava lá com mais quatro participantes. No mesmo dia, surgiram links do programa, eu tive que ler coisas do tipo “seria muito bom se esse pai usasse todo esse dinheiro que está ganhando para investir em uma ONG”. Pensei: “mas que dinheiro eu estou ganhando? Eu só apareci no programa?” Este é o outro lado da internet. Você está exposto ao pré-julgamento de pessoas que de uma entrevista tiram uma imagem sua e decretam você como uma pessoa A, B ou C e saem falando um monte de coisa. Então, você está sujeito a ser vítima na internet de alguma maneira, por isso tem que estar preparado. No momento em que você entra na internet, expõe seu trabalho na internet, você, de certa forma, se torna uma figura pública, então tem que estar preparado para o bem e para o mal. Tem o lado bom? Tem o lado bom, e o lado bom compensa muito. Mas também tem as outras poucas coisas que aparecem no lado mal da internet. O lado bom vale muito a pena. Então você aguenta o lado mal em função dessa possibilidade de ter contatos; até mesmo este momento, esta oportunidade de conversar com vocês. Eu estou aqui em São Paulo conversando com vocês aí, no Paraná, sem nenhuma barreira. A internet permite isso. É maravilhoso poder usar a internet como uma ferramenta de conteúdo e não apenas como rede de contato.

PIBID-PORTUGUÊS/Hellen: Antes do nascimento do Logan, você tinha o sonho de ser escritor?

FLÁVIO SOARES: Tinha, mas eu tinha abandonado. Eu acredito que o Logan trouxe de volta o que eu realmente gosto de fazer, que é escrever quadrinhos. Antes do nascimento do Logan eu tinha largado, há uns 15 anos, a vida de desenho, havia abandonado completamente a escrita; não fazia mais nada disso. Eu trabalhava como designer editorial, editor de livros, de revistas de quadrinhos; este era o meu trabalho. Era isso: layout editorial e designer gráfico de revistas. Eu já tinha desistido disso. Quando o Logan nasceu, ele me levou de volta a escrever e, alguns anos depois, 4 ou 5 anos depois, comecei a fazer as tiras. O Logan me levou de volta aos quadrinhos, de volta à carreira de desenhista, que é o que eu realmente gosto de fazer. Então, antes do Logan eu tinha abandonado o meu sonho de ser escritor, de ser quadrinhista, de trabalhar com isso. Depois do Logan resgatei isso. E hoje eu sou um profissional desta área, e gosto de dizer assim “eu faço aquilo que eu gosto todos os dias”. Então, eu sempre digo que o maior presente que ele me deu foi me colocar de volta na carreira que eu realmente amo.

PIBID-PORTUGUÊS/Geovana: Quais são os planos futuros no que se relaciona A vida com o Logan?

FLÁVIO SOARES: Muita coisa. Eu penso em dominar o mundo (risos). Eu me imagino na “Soareslândia”, com o castelo do Logan e tudo mais. Na verdade, um objetivo, um sonho que eu tenho, é levar o Logan para fora do Brasil. Eu estou refém do público brasileiro, por isso eu quero falar com todos os públicos que passem por situações comuns, problemas comuns, povos com pontos em comum. Acho que meu objetivo é levar *A vida com Logan* para fora do Brasil, atingir outros mercados, outros públicos. Isso eu ainda não consegui. É o primeiro objetivo. O segundo objetivo, óbvio, é chegar na televisão. Hoje em dia nós falamos muito de inclusão, de efetiva inclusão de pessoas com deficiência. Por que efetiva inclusão de pessoas com deficiência? Porque nós não crescemos convivendo com pessoas deficientes, nós não crescemos sabendo que essas pessoas pertencem ao mundo e o mundo pertence a elas também. Eu fui ter contato com a Síndrome de Down quando o Logan nasceu, com 30 anos. Antes eu não sabia o que era a Síndrome de Down, não fazia a mínima ideia. Eu acredito que as crianças que estudam com o Logan hoje, daqui a 20 anos quando os filhos delas estiverem na escola e o professor falar “olha tem um aluno com Síndrome de Down na sua sala de aula”, elas vão saber que não tem problema nenhum ter um aluno com Síndrome de Down na sala de aula, porque elas conviveram com um. Nesse sentido, precisamos mudar essa percepção, ajudando as crianças a saberem que existem pessoas com deficiência; isso não é um cavalo de batalha. Nós criamos problemas por desconhecimento. Por isso o *blog* sempre teve como objetivo ser uma ferramenta de esclarecimento. Vejo que é tratar desta questão com uma linguagem mais estudantil. Pegar a

comunidade, meninada com a idade de 7 e 8 anos, e mostrar que essas pessoas são do mundo e o mundo pertence a elas, da mesma forma que pertence a vocês. E, nesse sentido, é preciso conviver. Outra coisa: discutimos muito a ideia de inclusão, mas não fazemos inclusão. Talvez *A vida com Logan* ajude a fazer inclusão efetivamente, que é o que importa. Este é o objetivo mais imediato de *A vida com Logan*. Não que eu não pense em castelo do Logan... Acho isso importante também (risos).

PIBID-PORTUGUÊS/Kauan: Você já teve contato com a obra de Cristovão Tezza, *O filho eterno*?

FLÁVIO SOARES: Já, eu li o livro. Uma amiga me deu de presente logo quando saiu o livro do Cristovão e, eu, particularmente, estou no grupo dos poucos pais com filhos com síndrome de Down que gostam do livro. A grande maioria detesta mortalmente o livro, porque o Cristovão teve a coragem (ênfase) de fazer uma coisa que pouca gente tem... teve a coragem de ser honesto! No livro todo ele é muito honesto. E a honestidade dói! A honestidade já serve como um soco no estômago, e o Cristovão não mede as palavras, ele não tem medo de se expor, não tem medo de se mostrar preconceituoso quanto ao filho. E todo o pai que tem um filho com síndrome de Down passa pelas mesmas coisas que o Cristovão passa, mas ninguém teve a coragem de admitir, como ele teve. Sempre me perguntam como foi o nascimento do Logan e eu não escondo de ninguém. Eu tive uma rejeição muito grande pelo Logan durante dois, três dias. Eu não conseguia olhar direito para ele; eu tive uma rejeição muito forte. Mas enfim, ele estava ali, e os médicos falando: “tem trissomia, ó pai não tem força, é um quadro muscular, ele não aperta, ele não anda”... E o Logan foi para o bercinho, sem eu olhar para ele por conta da rejeição. E o Logan vem e aperta esse dedo meu aqui (indicador) com muita força, exatamente fazendo o que o médico disse que ele não ia fazer! E olhou para mim, como se ele me estivesse dizendo: “eu não vou desistir de você tão fácil, então não desista também!” Eu entendi desta forma, e tudo mudou na minha relação com ele. Voltando ao livro, todos os pais que têm um filho com síndrome de Down rejeitam; para uns dura mais ou menos tempo, depende de cada situação. O Cristovão deixa isso muito claro. Ele expõe uma situação que mostra uma relação complicada com o filho e que possui fases; e ele não tem vergonha de contar essa história. E quando você lê esta história no livro você se vê no espelho e a gente nunca gosta quando se vê no espelho. Por isso, o livro do Cristovão foi muito marcado em fóruns sobre a Síndrome de Down, em comunidades de pais com filhos Síndrome de Down. E eu acho que este é o maior triunfo do livro: ele não conta mentiras, falando o que realmente foi a realidade dele. Discordo de algumas coisas, de uma posição ou outra ali como pai, eu sou pai e posso discordar, mas não

julgar! O livro tem uma qualidade absurda, é excelente, e atinge algumas pessoas e as pessoas não gostam por conta disso. Eu, particularmente, acho um livro fantástico.

PIBID PORTUGUÊS/Kauan: Você se inspirou nesse livro?

FLÁVIO SOARES: Não, eu fiz o trabalho antes desse livro. Ele lançou esse livro, acho que uns 2 ou 3 anos depois, quando eu já estava com *A vida com o Logan*².

PIBID PORTUGUÊS/Thainá: Um trabalho como o seu com certeza demanda tempo e dedicação. Como você administra o seu tempo entre a produção das tirinhas e a sua vida pessoal?

FLÁVIO SOARES: Mal! Extremamente mal! (risos). Vocês tiveram o exemplo disso agora. Eu estava conversando e tive que parar, correr para abrir a porta, porque se não poderiam tocar ali até queimarem a campanha... (risos). É complicado, realmente é complicado, porque eu trabalho como *freelancer*. Assim o que paga minhas contas são os trabalhos que eu faço nas outras editoras, trabalho de designer; também trabalho com outras empresas, produzindo conteúdos para *site* esportivo, ou para algumas pessoas que têm o meu contato e pedem o serviço. *A vida com o Logan*, especialmente minha produção de quadrinhos, não gera receita. Então eu faço de teimoso que sou, porque eu acredito e é isso o que me move todos os dias! Mas é complicado, dá trabalho estar em três ou quatro lugares diferentes no mesmo dia. Ficar com filhos meio período em casa, porque eles não estudam em período integral, nem Logan nem Max. Eles só estão na escola na parte da manhã. Então, sou eu que vou buscá-los, dou almoço, cuido da lição de casa e das outras atividades. E o Logan, ele continua com Síndrome de Down e precisa de acompanhamento. Hoje mesmo nós temos encontro com a psicopedagoga, o que vai me manter ocupado das duas até às quatro ou cinco horas da tarde. Depois, tenho que ir para o trabalho. Vou até meia noite, uma ou duas da manhã; à noite, eu desempenho bem. O ano passado, nesta época do ano, eu estava para lançar o livro *A lei de Murphy*. Minha família ficou de castigo, porque eu só tinha os finais de semana para a produção dos quadrinhos; nos finais de semana ninguém saía. Eu ficava em casa trabalhando e ninguém ia para lugar nenhum, nem iam passear; ficaram de castigo por três meses! Querem me matar até hoje por causa disso! Mas era o jeito de fazer a produção. Hoje, o livro está publicado, mas tive que trabalhar todos os dias, de maneira caótica.

PIBID PORTUGUÊS/Thainá: Seguindo essa linha de raciocínio existe alguma equipe por trás que ajuda a você manter o blog atualizado e as suas redes sociais sempre ativas?

² O *Filho eterno* foi publicado em 2007 e as tiras sobre o Logan, em 2009.

FLÁVIO SOARES: Não. Sou eu quem cuido de tudo. Minha esposa atualmente faz *posts* pelo facebook. Mas toda parte de redes sociais, de contatos, de respostas de publicações, é tudo eu. Então quando alguém entra e posta o seu comentário, na respostinha sou eu quem estou escrevendo. Eu não tenho nenhuma equipe, nenhum suporte. Gostaria de ter, mas ainda não.

PIBID PORTUGUÊS/Natália: Até que ponto as histórias das tirinhas são verdadeiras? Existe ficcionalização?

FLÁVIO SOARES: Eu só escrevo sobre situações da minha vida, sem inventar quase nada; 90% do que acontece nas tiras é real. Eu extrapolo um ponto ou outro para conseguir tirar o humor, mas 90% das situações são reais. 100% que é mostrado nas tiras são geradas de uma situação real. Às vezes acontece de eu alterar um pouco mais para chegar no humor, mas todas partem de uma situação que realmente aconteceu. Tem uma tira que é clássica: chego com Logan na casa do meu pai e o Logan passa direto. O meu pai todo empolgado: “que bom, meu netinho aqui!” E o Logan passa direto por ele e vai direto e abraça a avó e fica abraçado com ela. O Logan fazia isso; ele fazia isso de propósito. Eu trago isso na tira, porque realmente acontecia. Ele passava direto, ignorava completamente meu pai e se agarrava na avó e ficava rindo. Meu pai ficava irritado, claro, e o Logan se escangalhava de rir. Infelizmente meus bichos não falam, eu adoraria que eles falassem, pois eu venderia os dois para um circo e estaria rico nesse momento (risos). Mas, tirando isso, todas elas partem de uma situação real; 90% delas acontecem como realmente aconteceram. Tem uma tira que eu acabo discutindo com uma senhora no supermercado. Ela olha pro Logan e fala: “ah! ele tem problema!?” Eu digo “não, minha senhora. Problemas temos nós que pagamos impostos, não ganhamos nada com esses impostos, políticos corruptos, a questão de saúde, é um problema...”. Eu realmente falei isso para uma senhora. Fino como eu sou, super educado (risos), mas isso realmente aconteceu. É claro que eu não fui agressivo, mas eu disse a ela, “nós temos problemas, ele tem síndrome de Down; isso é outra coisa”. Então, são projetos reais, projetos do cotidiano que eu coloco ali; mudo uma coisa ou outra para provocar o humor, para colocar um pensamento, mas tudo parte do cotidiano com base do nosso dia a dia.

PIBID PORTUGUÊS/Eduardo: De onde veio a ideia para começar produzir as tirinhas e quais os motivos levaram você a produzi-las?

FLÁVIO SOARES: As ideias dessas tiras vieram normalmente. Como era por diversão, era feito de forma mais natural, mais confortável. As tiras foram surgindo normalmente; claro que elas não foram feitas de um dia para o outro. Se minha esposa não estivesse dito “vamos

publicar e ver o que acontece”, se dependesse da minha vontade de desenhar no papel e guardá-los na gaveta no escritório, não teria publicado nunca; vocês jamais teriam visto falar um dia. Mas é uma forma de contar uma estória, uma forma de esclarecimento, de informar, sem necessariamente eu me colocar como um especialista, de alguém que queira ensinar algo para os outros. Eu não tenho essa pretensão, de ensinar algo, de querer ser uma autoridade no mundo ou algo do gênero. Aliás, eu tenho conhecimento prático do dia a dia com o Logan; posso falar com autoridade em função disso, mas eu não quero ser uma autoridade. E os quadrinhos são uma forma agradável de você tratar o assunto e, ao mesmo tempo, uma forma séria, provocar reflexão sobre o assunto, sem necessariamente parecer como uma autoridade, uma coisa meio arrogante: “Eu sei, eu conheço, eu publico”! Eu não tenho essa pretensão! Eu não quero essa autoridade! Eu passo essa permissão. Então os quadrinhos acabaram sendo o caminho natural para eu escrever.

PIBID PORTUGUÊS/Naely: Como vem sendo a repercussão do seu trabalho?

FLÁVIO SOARES: Muito positiva. Quando eu comecei a publicar as tiras, eu era muito procurado, tinha muito o retorno de pessoas ligadas, de alguma maneira, à pesquisa da síndrome de Down. Pessoas que tinham filhos ou tinham sobrinhos, ou tinham netos e coisa e tal, e estavam meio que perdidas... Aos poucos, o público em geral também quis saber sobre o assunto. Assim, eu passei a mesclar um pouco o público. Eu digo que metade da minha audiência são pessoas que têm ligação com a deficiência e, outra metade, é de gente que curte quadrinhos, que leem *A vida com o Logan* porque acham legal. E essa questão é sempre muito positiva. A repercussão é muito positiva; um retorno que eu não esperava. Só tive retornos positivos com *A vida com o Logan*; é de surpreender.

PIBID-PORTUGUÊS/Profa. Ana Paula: Uma das questões que você abordou, é que nós, de maneira geral, falamos sobre a inclusão mas não fazemos inclusão; ficando, portanto, mais no plano teórico, no discurso bonito.

FLÁVIO SOARES: Na teoria nós somos ótimos, na teoria nós somos ótimos! Teoricamente nós somos perfeitos, mas na prática não!

PIBID-PORTUGUÊS/Profa. Ana Paula: Um outro aspecto apresentado por você é que encontra eco aqui no grupo devido a uma palestra que assistimos com uma professora que é especialista em inclusão, diz respeito à falta de conhecimento em relação à Síndrome, e que atrapalha muito o modo de as pessoas lidarem com ela.

FLÁVIO SOARES: O maior problema é a falta de conhecimento, é a falta de

informação. Teoricamente nós somos ótimos, nós temos teorias maravilhosas sobre a inclusão e conceitos teóricos muito bons para a inclusão, mas nós não fazemos! E aí que cabe a crítica ao governo, que decidiu “por canetada” que se deveria fazer inclusão no Brasil. O governo assinou: “faça-se a inclusão”! E não deu estrutura para fazer a inclusão; não é assim que se faz a inclusão! Você tem que ter estrutura! Você não pode culpar a escola, culpar professor por uma coisa que foi jogada para dentro da sociedade seguir... Querem resolver “com canetada”, mas assim não resolve!

Chegou em 03-01-2018

Aceito em: 04-01-2018